

Aluna: Bárbara Ellen Guimarães Armange
Orientadoras: Ana Elísia da Costa e Daniele Caron

Práticas Rurais Emergentes

Casa-Escola Werni Kunz

sumário

introdução	05
metodologia	06
problemática	07
Rural x Urbano? A cidade e a outra coisa.	07
Agricultura Familiar e Cooperativismo	08
Soberania Alimentar e Produção da Orgânicos	09
Outros Aspectos Importantes	10
Práticas Rurais Emergentes	11
caracterização	14
Tu não é daqui, né?	
caracterização a região	14
1. É perto de Montenegro, sabe? Vale do Caí.	
caracterização a cidade	16
2. Brochier? Isso é no Brasil?	
caracterização a localidade	17
3. Nova Paris: eu cresci no interior do interior!	
caracterização o lugar	19
4. “A gente não sabe bem o que fazer lá no terreno”	
justificativa e objetivos	21
Casa-Escola Werni Kunz: de não escola à escola.	
programa de necessidades programa pedagógico	22
Já dizia o Paulo Freire, né?	
1. Investigar - Tematizar - Politizar	22
2. Construção do Problema Espacial	23
3. Funcionamento e Programa - Etapa 02	24
bibliografia	25

Desde minha fuga, era calando minha revolta (tinha contundência o meu silêncio! tinha textura a minha raiva!) que eu, a cada passo, me distanciava lá da fazenda, e se acaso distraído eu perguntasse “para onde estamos indo?” - não importava que eu, erguendo os olhos, alcançasse paisagens muito novas, quem sabe menos ásperas, não importava que eu, caminhando, me conduzisse para regiões cada vez mais afastadas, pois haveria de ouvir claramente de meus anseios um juízo rígido, era um cascalho, um osso rigoroso, desprovido de qualquer dúvida:

“estamos indo sempre pra casa”.

*Raduan Nassar
Lavoura Arcaica*



Foto 01: Retrato em frente à casa.
Foto 02: Loina e Tanha esvaziando o açude.
Foto 03: Werni Kunz voltando para casa.
Fonte: acervo pessoal da autora.

Introdução

Cresci no interior, em vários lugares do interior do Rio Grande do Sul. A família que me educou foi uma espécie de grupo nômade por algumas gerações, quase a vida inteira, pulando de cidade em cidade, de interior a interior, e eu reverbero esse movimento.

A relação interior e cidade¹ é fundamental para mostrar os motivos de ser desse trabalho, é uma dualidade que me acompanha desde sempre, por meus pais viverem na cidade e eu, com minha avó, viver no interior. Dessa forma, eu transitava entre esses dois ambientes com certa frequência, desejando um dia ir para cidade, migrar e, de certa forma, me assentar, criar raízes, romper com o nomadismo da família. Além disso, sonhava ser arquiteta formada pela federal lá da capital.

Fazem 12 anos que parti do interior para a cidade de vez, ainda assim, continuei me mudando. Há oito anos vivo em Porto Alegre, embora seja atualmente a cidade onde mais tempo estive na vida, certamente é a que menos me encorajo a chamar de lar ou dizer “sou daqui”.

Antes, durante o tempo no interior, estive envolta da cultura própria das localidades onde vivia, para esse trabalho, escolhi a mais relevante: Nova Paris, situada no interior da cidade de Brochier, no Rio Grande do Sul. Lá cresci observando a paisagem quase sempre imóvel, mas em constante transformação conforme os ciclos da natureza e da vida na terra, o silêncio que predominava, a maneira prática das pessoas de enxergar as afetividades ou qualquer aspecto da vida, o tempo que custa a passar e por isso cultivava um modo contemplativo de estar no mundo. Tudo isso pra mim era banal, eu queria mesmo era ir embora.

Hoje, apresento esse trabalho como um movimento de retorno, resgate e elaboração pessoais, pautado pela minha formação em arquitetura e urbanismo, durante a qual muitas vezes senti falta de falarmos sobre pequenas cidades, agricultura, paisagem (não urbana), ou mesmo os limites e desafios entre o que chamamos de urbano e o que chamamos de rural, também os modos de habitar para além dos limites da urbe, mesmo das periferias, sobre direito à terra e luta camponesa, sobre a constituição do que chamamos interior em toda sua complexidade social, cultural, econômica e antropológica.

Para isso, me dedico a pensar o trabalho através do que chamei de Práticas Rurais Emergentes², buscando nos relatos da memória local as bases para elaboração de uma cartografia capaz de ancorar um projeto arquitetônico de uma casa-escola rural, aliado à diretrizes de preservação ambiental e demandas comunitárias.

Notas

1. os termos “interior” e “cidade” foram escolhidos assim nessa introdução menos por um critério técnico-teórico do que por se tratar do vocabulário que constitui melhor as motivações primeiras da autora.

2. a serem definidas no decorrer do trabalho.

metodologia

Esse trabalho se estrutura através de uma abordagem teórico metodológica narrativa, privilegiando a escuta, os saberes localizados, bem como o compartilhamento dos conhecimentos técnico e comunitário.

Para isso, foram realizadas entrevistas com 10 pessoas residentes em diferentes municípios do Vale do Caí. Esses interlocutores foram selecionados com base na sua relevância para o entendimento geral da região no que diz respeito ao tema abordado. Alguns fragmentos das narrativas que emergem das entrevistas aparecem nesta pesquisa por serem entendidas como “lugares de fala”, testemunhos de mundo que produzem “sentidos-outros”. Dessa forma, recorrendo a diferentes sensibilidades - racional-emocional, científica-popular, verbal-não verbal, visual-aural, junto da minha própria experiência de “interior” e de leituras sobre o tema em questão, é desenvolvida a problematização do trabalho e a proposição do projeto.

R.S.
Renato Schommer
Barão - Linha Francesa Baixa
Citricultor Associado à
Cooperativa Ecocitrus e
viveirista, preserva a história
da Flor de Camélia.

A.B.
Antônio Bays - Pareci Novo
Citricultor, associado da
Cooperativa Ecocitrus, asso-
ciado da Companheiros da Na-
tureza.

G.M.
Gerson Müller - Salvador do Sul
Silvicultor e Produtor de Carvão

D.N.
Décio Nonnemacher
Harmonia - Vila Rica
Suinocultor associado da Co-
operativa Ouro do Sul e citricul-
tor associado da Cooperativa
Ecocitrus.

F.G.
Fernando Götz - Maratá
Citricultor e associado da Co-
operativa Ecocitrus.

L.K.
Loína Kunz
Nova Paris - Brochier.
Agricultora aposentada.

E.C.
Evanor de Castro
Nova Paris - Brochier
Teólogo e pesquisador.

B.M.
Beatriz Meurer
Campestre Baixo
Salvador do Sul
Agricultora, gerencia com a
mãe e as irmãs a agroindústria
KolonieBackHaus, trabalha
no Sindicato dos Agricultores
representante da juventude
regional do Vale do Caí na
FETAG-RS

L.E.
Laís Escher
São Pedro da Serra
Jornalista, fundadora da Agên-
cia Cultivo - Comunicação Ru-
ral.

T.K.
Tania Kunz
Nova Paris - Brochier
Agricultora, silvicultora, produ-
tora de carvão.

problemática

Rural x Urbano? A cidade e a outra coisa.

A partir dos anos 1960, os processos agrícolas passam a se transformar profundamente, se modernizando e modificando o contexto rural em consonância com o fenômeno da globalização, estendendo a prática moderna de agricultura para territórios ainda não explorados para esse fim. Essas transformações modificam constantemente o conceito de rural, que para MEDEIROS, 2017, originalmente, poderia ser descrito da seguinte forma:

[...] um espaço habitado por pequenas comunidades humanas, com valores mútuos e história comum que giram ainda em torno da fidelidade e do pertencimento a um meio, a um território e à família. Ali se reencontra uma dinâmica distinta e práticas sociais, culturais e econômicas fundadas sobre a proximidade, a convivialidade, a ajuda e a cooperação. Esta comunidade humana é muitas vezes representada pela forma de viver que associa o território às relações de vida e à coesão social. Este tipo de população mantém um laço estreito com seu ambiente, valoriza a cultura identitária das diferentes comunidades. P.181

O conceito de rural não está fechado, tampouco deve ser considerado como uma oposição ao conceito de urbano ou como uma etapa a ser superada numa lógica evolutiva da sociedade, mas entendido nas suas próprias particularidades, contexto e complexidade.

Dessa forma, duas vertentes majoritárias no debate sobre ruralidades podem ser identificadas (MEDEIROS, 2017). A primeira, tensiona a noção de que o rural se encaminha para a absorção da dinâmica urbana, como se mesmo o ambiente dito rural já apresentasse fundamentalmente as características e dinâmicas atreladas ao conceito de urbanidade; de outro lado, a segunda reivindica o pensamento sobre ruralidade e suas práticas como um conjunto emergente e de resistência, se reinventando e se preservando frente aos processos contemporâneos de transformação da sociedade.

Contudo, o território rural não é inerte, materializa e espacializa os processos das políticas neoliberais, da era da informação e da cientificização da agricultura (OLIVEIRA, 2007), assim como conserva as marcas da colonização e da escravidão, processos que ainda hoje fundamentam a relação política, social, cultural e econômica com a terra. Tanto é assim que, atualmente, no Brasil e no mundo, existem diversos movimentos voltados para a construção de um futuro revolucionário e que atuam relacionados ao rural, à terra e suas particularidades, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e a Teia dos Povos, entre outros.

problemática

Agricultura Familiar e Cooperativismo

Cerca de 70% dos alimentos consumidos no Brasil são produzidos num contexto de agricultura familiar (FAO, 2014), ou seja, não são as grandes agroindústrias que sustentam a alimentação da população, nem vem do latifúndio, predominante na lógica da terra, a comida brasileira. Ainda assim, a agricultura familiar está em constante movimento de resistência frente às transformações no setor agrícola e que cada vez mais tornam a terra mera fonte de lucro e aprofundam a desigualdade social, explorando e destruindo a natureza, expulsando povos originários de seus territórios, bem como diminuindo a diversidade de cultivo através da monocultura. Transformações essas impõem aos pequenos agricultores conflitos de interesse políticos e dificuldades burocráticas devido a uma legislação falha, além do trânsito de insumos que se torna cada vez mais complexo.

Frente a isso, uma das alternativas para a continuidade da agricultura familiar é o cooperativismo, que desempenha uma importante função no que diz respeito às atividades de financiamento, produção e comercialização dos produtos agrícolas. As cooperativas agropecuárias constituem hoje o segmento mais forte do cooperativismo brasileiro, são em torno de 1.500 cooperativas, abrangendo um total de 188.777 empregados e 1.016.606 associados (OCB, 2018). Na base do funcionamento cooperativista estão os valores da união e cooperação, o qual visa a geração e distribuição de renda e o bem estar social dos cooperados e de toda a cadeia produtiva, buscando o desenvolvimento local (MORAES, SCHWAB, 2019), além desses, outros princípios são a educação, formação e informação, a autonomia e independência, a adesão voluntária e a gestão democrática.

No Vale do Caí, segundo a Etapa de Diagnóstico do Plano de Desenvolvimento do COREDE³ 2015-2030, apesar do pioneirismo no cooperativismo em determinadas áreas, ainda é baixa a adesão a esse tipo de funcionamento, podendo ser mais incentivado, também constata que existe carência nas etapas de formação profissional agrícola, aspecto que pode ser atenuado através das atividades já realizadas dentro da lógica cooperativista.

“O pequeno agricultor que não ta organizado, ele ta com os dias contatos. Hoje, eu cultivando 10ha jamais poderia estar exportando suco e óleo essencial pra europa! Mas com a cooperativa, aí eu consigo.”
R.S.

“Tem muito agricultor familiar que não consegue produzir orgânico, propriedade muito pequena e não ta isolada suficiente. Tudo ao redor importa.”
G.M.

3. O estado do RS é dividido por Corredores de Desenvolvimento (COREDE). Para este trabalho interessa o COREDE Vale do Caí, composto por 19 municípios, ocupando uma extensão territorial de 1.854,4 km².

problemática

Soberania Alimentar e Produção de Orgânicos

Nos últimos anos, principalmente a partir de 2017, o Brasil está em vias de retornar ao Mapa da Fome, de onde saiu durante os governos Lula e Dilma (PT), mais especificamente em 2014, como resultado de uma agenda pública que, apesar de não ser radical e revolucionária, visou, dentre outras coisas, que a população pudesse ter acesso à alimentação. O problema da fome no Brasil é antigo, no entanto, não devido à falta de alimentos, mas a um contexto de desigualdade estrutural complexo, já que, segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), em 2019, o Brasil se mantinha como um dos cinco maiores produtores de alimentos do mundo.

Nesse sentido, a soberania alimentar diz respeito, para além da mera disponibilidade física e econômica de alimentos básicos, às condições socioeconômicas de diferentes territórios e culturas de decidirem sobre como será sua alimentação, assim como diz respeito ao próprio direito de acessar os insumos e condições necessárias para produzi-la. Trata-se de um paradigma e foi popularizado pelo movimento Via Campesina na década de 1990, a partir dele, a alimentação é pensada dentro de uma cadeia de produção e consumo, que deve ser pautada pela justiça social, com base na agroecologia e na reforma agrária, envolvendo temas como os direitos dos animais, mudanças climáticas e globalização, sobretudo, enxergando o alimento não como um produto nem como uma mercadoria (FERNANDES, 2019).

Alternativas ao modelo capitalista de produção e distribuição de alimentos, como a produção de orgânicos e organizações cooperativistas, ainda que submissa de alguma forma à lógica neoliberal, contribuem com a construção das condições para que se alcance a soberania alimentar, isso através da diversificação de cultivo, da importância dada aos contextos locais e preservação das suas características e natureza particulares, da formação e educação que contribuem com a autonomia na subsistência através da lida com a terra e da conscientização política.

Ainda assim, por mais que os esforços para que a agricultura agroecológica se torne cada vez mais praticada no Vale do Caí, é insipiente sua implementação se levada em consideração todo o território e modos de produção da região (PDR - COREDE VALE DO CAÍ, 2012).

“As pessoas vão no mercado, compram as coisas, é lixo, compram lixo. Tinha que resgatar a subsistência, reclamam do preço mas não tem uma horta em casa.”

A.B.

“Aqui nos plantamos tudo, tem a lavoura, os bichos, dá trabalho, mas é nosso sustento também, né?”

B.M.

problemática

Outros aspectos importantes

Êxodo Rural: “o jovem não fica no campo mais”

Segundo dados do IBGE (2010), dos dois milhões de pessoas que migraram do campo para as cidades entre os anos de 2000 e 2010, metade eram jovens. No entanto, grande parte dos jovens sai do campo não motivada pelo sonho de uma vida na cidade, ainda que isso também se verifique, mas por falta de condições de permanência, segundo estudo do IPEA (2011).

Escolas: “aqui ainda tem escola, graças a deus”

Em diversas pequenas comunidades do interior do Rio Grande do Sul, as escolas estão sendo fechadas. Em Nova Paris, localidade onde se encontra o terreno em que será feita a intervenção, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Incompleto Pedro Kunz (até 5ª série) foi fechada em 2015. Essa escola leva o nome do meu tataravô. Nela, meu avô foi professor e minha avó, aluna, bem como eu também fui e grande parte de toda a comunidade. Segundo reportagem do Sul 21 (2019), o Conselho Regional de Educação (CRE) define o fechamento de escolas com base em cálculos, dados e planilhas sem considerar os aspectos sensíveis e comunitários envolvidos.

“Olha, aqui eu gosto, tem tudo, sociedade, tem a paróquia, ainda tem escola, né, porque agora eles tão fechando as escolas, e aí as pessoas vão embora pra levar os filhos onde da pra estudar.”

G.M.

“O jovem tem que ser compreendido, apoiado.”

“ser agricultor é um trabalho de 24h, não tem folga”

B.M.

“Um dos motivos que eu vejo, a lida rural ela não te da essa folga que o trabalho urbano te proporciona, tu não pode sair sexta feira 17h e pronto, é final de semana.”

D.N.

“O sistema educacional brasileiro prepara o jovem pra ir trabalhar na fábrica, ele não é trabalhado pra pensar e entender sua realidade e pra preservar a riqueza brasileira que nós temos de terra, água e recursos naturais. Ele é pensando pra trabalhar pros patrões e pra elite.”

R.S.

“Ele (o filho) devia ter uns 16 anos, eu pedi pra ele capinar uma roçinha de aipim que era nosso sustento, aí eu fui lá de tarde perguntar como tava indo e ele disse bem assim, isso eu lembro até hoje: olha, Décio, considerando que não é o que eu quero pra mim, ainda ta indo muito bem.”

“Hoje eu não sei que fim vai levar essa propriedade.”

D.N.

problemática

*Parece que a primavera do mundo é um trabalho em progresso
mas o caminho até lá está sendo todo feito entre veredas
e entre os galhos de fogo de um gigante inverno*

*Jóquei
Matilde Campilho*

Práticas Rurais Emergentes

Territórios existem em pleno movimento e transformação, definindo e redefinindo a si próprios no decorrer do tempo, os efeitos da dinâmica de forças que atuam sobre um espaço se confundem e se relacionam de modo que a apreensão do todo escapa constantemente. Inclusive, poderia ser pertinente questionar sobre quantos e quais são os diferentes territórios que constitui o Vale do Caí, ou sobre como demonstrar a complexidade cultural de uma região e ainda fornecer uma noção que a caracterize como um todo. Não cabe responder a essas perguntas aqui, mas a partir dessa complexidade inapreensível, a problemática desse trabalho oferece uma visada parcial da qual alguns aspectos emergem: a perda de identidade cultural relatada nas entrevistas, quando muitos se preocupam sobre tudo aquilo que parece estar se diluindo, se perdendo, desde os objetos até os ditados populares, as festas, a maneira de plantar determinada planta; a perda de interesse dos jovens pela terra ou a impossibilidade de permanência dos que almejam seguir na lida; as escolas cada vez mais escassas e desconectadas da realidade local; a dependência crescente de pro-

duto industrializados para a alimentação e, relacionado a isso, a perda de autonomia gerada pelo esquecimento das tecnologias e saberes rurais sobre a terra; a poluição e degradação sistemática dos ecossistemas devido às práticas atreladas a relação capitalista imposta entre seres humanos e natureza;

Frente a todas essas questões, existem reações, revolucionárias ou não, elas geram conflito e dissenso frente aos modos predominantes de estar no mundo, também mostram caminhos outros, ampliando a dimensão do possível. As reações podem estar inseridas nas lógicas cooperativistas, no compartilhamento de lavouras entre diferentes proprietários, no movimento de ruptura que leva a modos de produção agrícola mais sustentáveis, na curiosidade que dá origem a outros modos de pensar ciência fora das universidades, mas igualmente válida, na arte de guardar, categorizar e registrar objetos antigos, modos de cultivo, o calendário próprio da natureza e história geral da sua região, nos pequenos-grandes saberes relacionados ao cotidiano - a forma de tratar a fruta para que no final o doce seja mais saboroso, como construir um forno eficiente para fazer o pão, as receitas, o artesanato, os chás e suas finalidades, com qual planta se faz o xarope e com qual se faz o veneno.

Práticas Rurais Emergentes são reações, movimentos de construção de outras primaveras, de guinada e escape frente a uma sociedade capitalista que insiste em afirmar-se como a única alternativa possível. Reações localizadas no contexto da lida da terra, da produção de alimentos, na figura da agricultora e do agricultor, que “sempre vai ter que existir, de um jeito ou de outro”.

problemática



“Tinha o moinho, plantava mandioca pra fazer farinha, milho, tinha as galinhas que vendia pra levar pra Porto Alegre, os ovos e o leite dava pra trocar pelas coisas da venda, legume e verde tudo tinha na horta, peixe tinha, banha do porco, torresmo, mas isso foi se perdendo.”

L.K.

“Tinha o potreiro da Melanie! Meu deus como era bonito aquilo, na frente da casa da tua vó, ali onde tem cana e mato agora.”

E.C.

“Antigamente a gente tinha as nascentes, tu pensa, a água vinha limpinha encanada no bambu até em casa.”

“O cara que produz soja, ele planta até debaixo da cama!”

A.B.

“O jovem precisa ser escutado, compreendido e apoiado, aí ele fica.”

B.M.

“Pessoal pensava que era mais fácil, aí começaram a usar os químicos (agrotóxico), isso veio com a chamada Revolução Verde, lá dos Estados Unidos.”

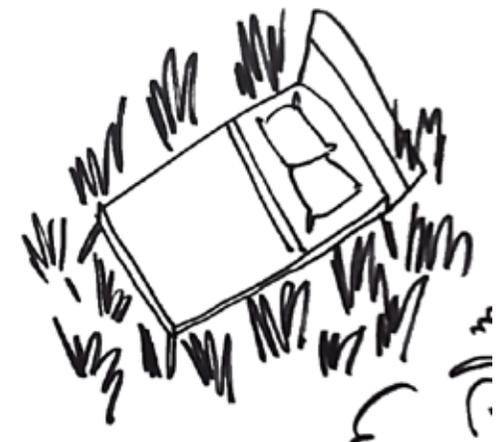
R.S.

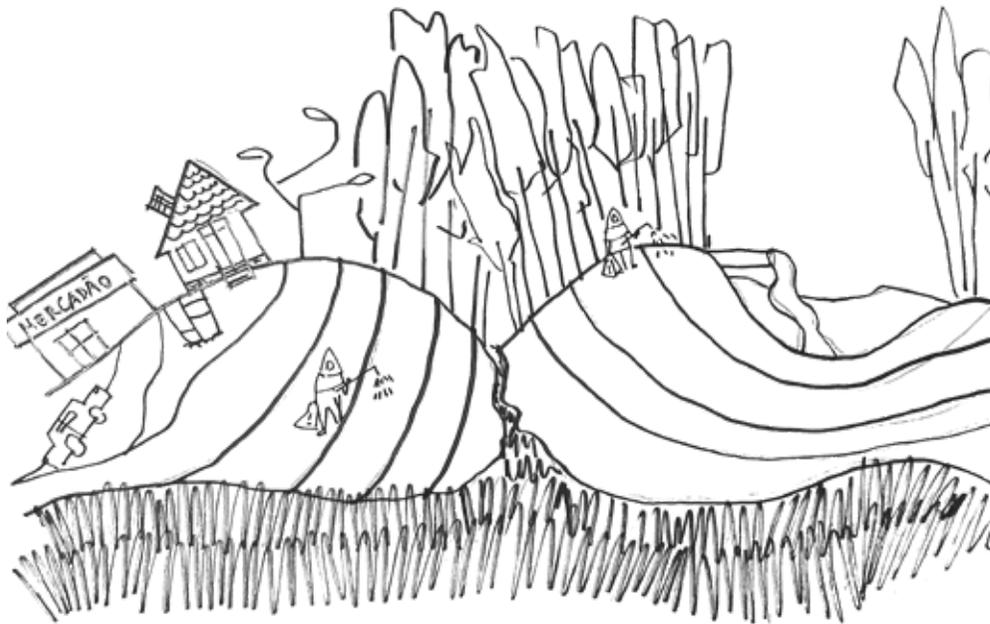
“Tinha que usar aquelas roupa de astronauta, aí eu tive um acidente, tenho problema até hoje. Foi aí que eu disse pra mim: chega! Foi quando eu fui atrás de produzir orgânico.”

F.G.

“Quem mais ganha é o mercado, a gente que planta, colhe e queima é quem menos recebe.” (sobre a produção de carvão)

G.M.





COOPERATIVISMO

“O sistema quer nos sufocar, nós como cooperativa estamos contra isso e eles (grandes empresas e mercados) querem que a gente se dê mal, a gente puxa o preço pra cima, faz diferente.”

R.S.

“Fazer um resgate da história da agricultura na região!”

“O trabalho de agricultor é 24h, não tem folga.”

D.N.



NÃO TEM SER PEQUENO
TEM SER SOZINHO.

“Uma das grandes dificuldades hoje é a legislação, ela não foi feita pro pequeno. Se ta de acordo com a municipal, ta em desacordo com a federal, é complicado.”

B.M.

“Eu nasci aqui, cresci aqui e eu posso dizer que, com certeza (!), eu vou morrer aqui.”

D.N.



“Eles veem a batata suja e não querem levar, e ainda se dizem orgânicos, acham caro mas não sabem do trabalho.”

A.B.



“O cara que bota químico na sua produção, do lado da casa ele tem uma horta, ali ele não usa o produto, por que ele sabe, né?”

“Querem tudo bonito, não pode ter defeito, isso tem que mudar.”

A.B.

“O agricultor sempre vai ter que existir, de um jeito ou de outro! Alguém tem que alimentar esse povo todo da cidade!”

D.N.



tu não é daqui, né?

1. É perto de Montenegro, sabe? Vale do Caí.

A região do Vale do Caí, de modo geral, foi primeiramente habitada pelos povos originários Kaingangang, os quais foram sendo sistematicamente expulsos nos processos de colonização e embranquecimento da população no decorrer, principalmente, do século XIX (LAPPE, 2012). É a partir de 1824 que a região passa a ser ocupada pela primeira leva de imigrantes alemães, principalmente nos vales próximos aos canais navegáveis da região (Rio Caí), onde hoje se localiza a cidade de São Sebastião do Caí. As principais atividades eram a agricultura e a suinocultura, mas também pequenas indústrias foram formadas onde essas atividades eram impossibilitadas ou onde os imigrantes não possuísem o conhecimento específico da agricultura - muitos dos imigrantes alemães eram artesãos e possuíam profissões específicas, tendo imigrado para trabalharem em seus ofícios e não para serem agricultores (BERTAZZO, 2009).

Atualmente, em relação à agricultura, a transição agroecológica é um fato verossímil na região, avançado através das práticas coletivas e de cooperativismo, das formações teóricas e da observação e experimentação (BERTAZZO, 2009), principalmente nas lavouras de citrus, historicamente um cultivo praticado no Vale do Caí.

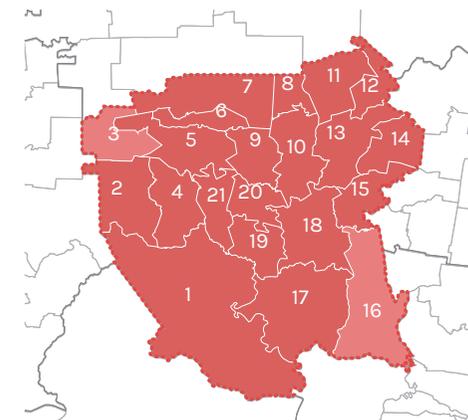
Microrregiões do RS



O estado do RS é dividido em microrregiões, sendo uma delas a Microrregião de Montenegro (21 municípios). Também há a divisão por Corredores de Desenvolvimento. Para este trabalho, interessa o COREDE Vale do Caí, composto por 19 municípios, ocupando uma extensão territorial de 1.854,4 km² (o 30 menor) com uma densidade demográfica de 93,9 hab./km, a população total (IBGE, 2019) é de 227.776 hab. A microrregião faz parte da Bacia Hidrográfica do Caí.

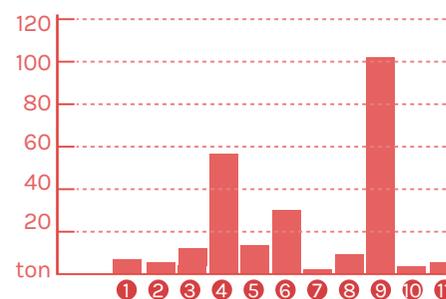
Microrregião do Vale do Caí

COREDE Vale do Caí



- | | |
|-----------------------|---------------------------|
| 1. Montenegro | 12. Vale Real |
| 2. Brochier | 13. Feliz |
| 3. Poço das Antas | 14. Linha Nova |
| 4. Maratá | 15. São José do Hortêncio |
| 5. Salvador do Sul | 16. Portão |
| 6. São Pedro da Serra | 17. Capela de Santana |
| 7. Barão | 18. São Sebastião do Caí |
| 8. São Vendelino | 19. Parecí Novo |
| 9. Tupandi | 20. Harmonia |
| 10. Bom Princípio | 21. São José do Sul |
| 11. Alto Feliz | |

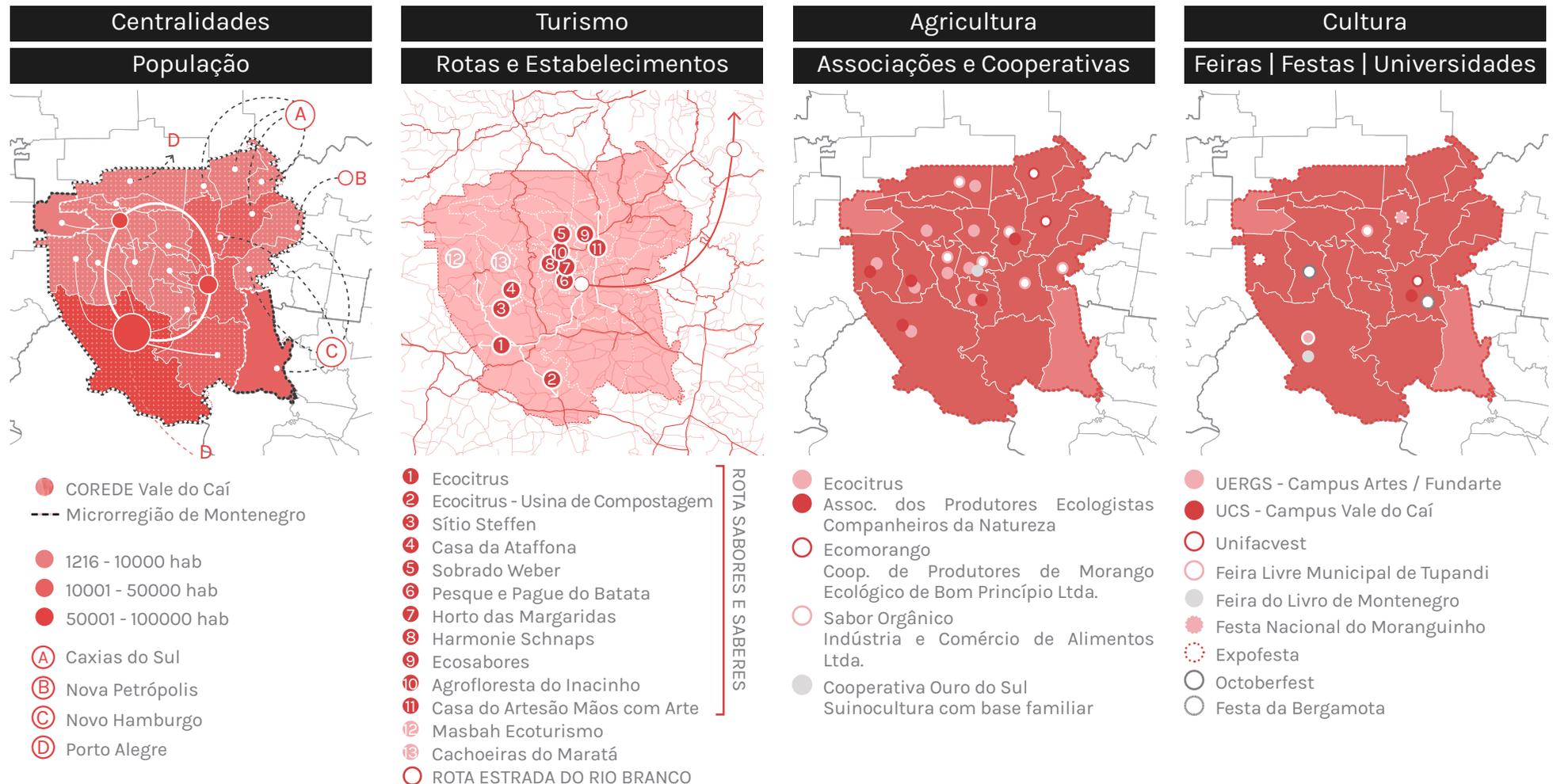
Lavouras COREDE



- | | |
|-------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Arroz | Segundo o IBGE (2010), 35% do PIB do COREDE Vale do Caí advinha da agropecuária, 33% da indústria. O Vale do Caí é o maior produtor de Morangos de Mesa e um dos maiores produtores de Citrus. |
| 2. Batatas | |
| 3. Cana de Açúcar | |
| 4. Laranja | |
| 5. Limão | |
| 6. Mandioca | |
| 7. Melancia | |
| 8. Milho | |
| 9. Tangerina | |
| 10. Tomate | |
| 11. Uva | |

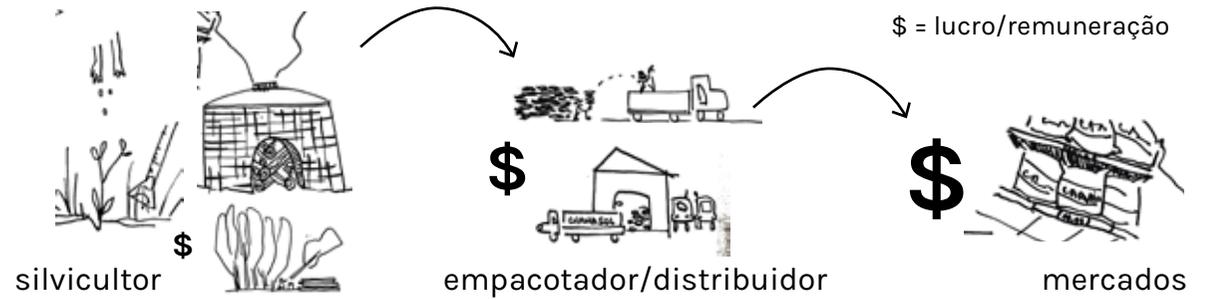
tu não é daqui, né?

1. É perto de Montenegro, sabe? Vale do Caí.



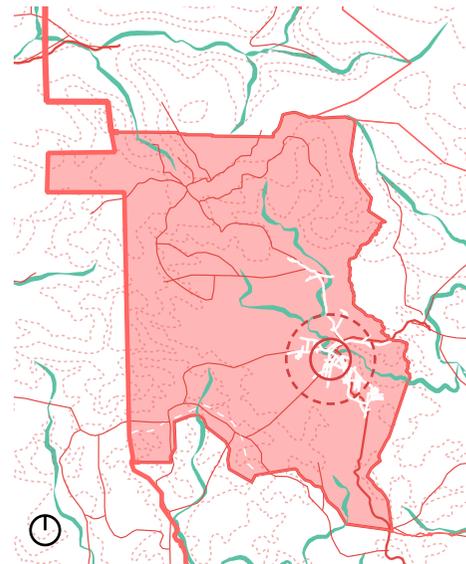
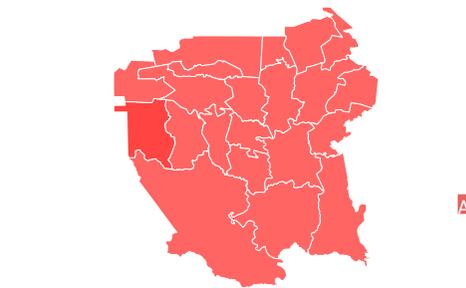
tu não é daqui, né?

2. Brochier? Isso é no Brasil?

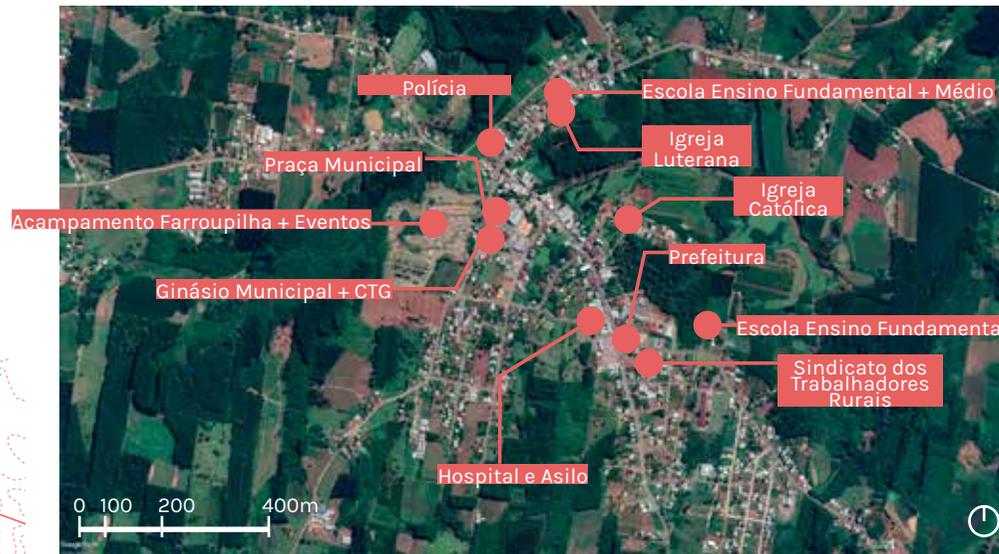


Cadeia de Produção do Carvão

Localização



Vila (centro)



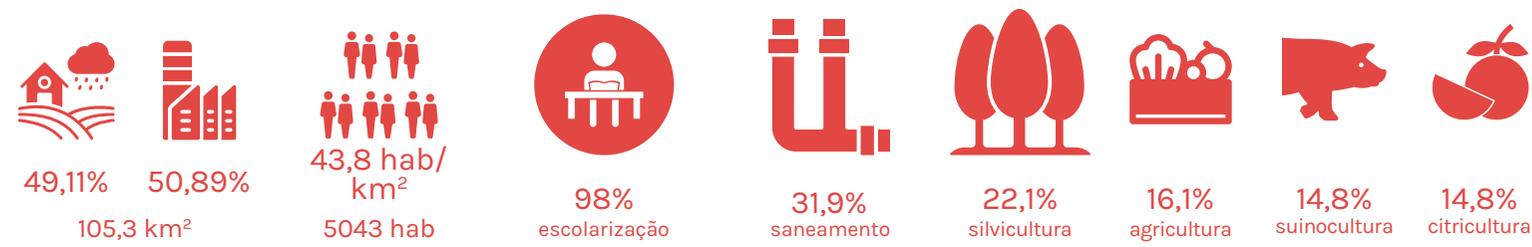
Geral - Município

O distrito de Brochier foi criado por volta de 1876, pertencente ao município de Montenegro. Em 1987 se torna município, se autodenomina a Capital do Carvão Vegetal por sua base econômica historicamente ser a produção de carvão a partir do plantio de acácia negra e, mais recentemente, do eucalipto. No entanto, também a indústria calçadista é significativa, assim como as redes de aviários que vem crescendo na região.

O município não possui Plano Diretor e a Lei Orgânica não fala sobre aspectos urbanísticos relevantes.

No município, atualmente, existem 07 famílias produzindo alimentos de forma orgânica.

Dados Gerais - IBGE 2010

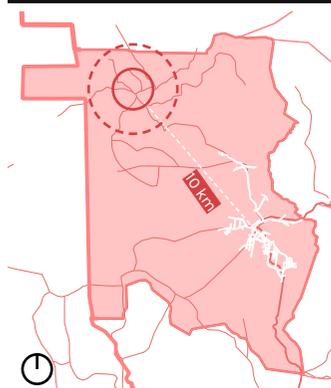


tu não é daqui, né?

3. Nova Paris: eu cresci no interior do interior!

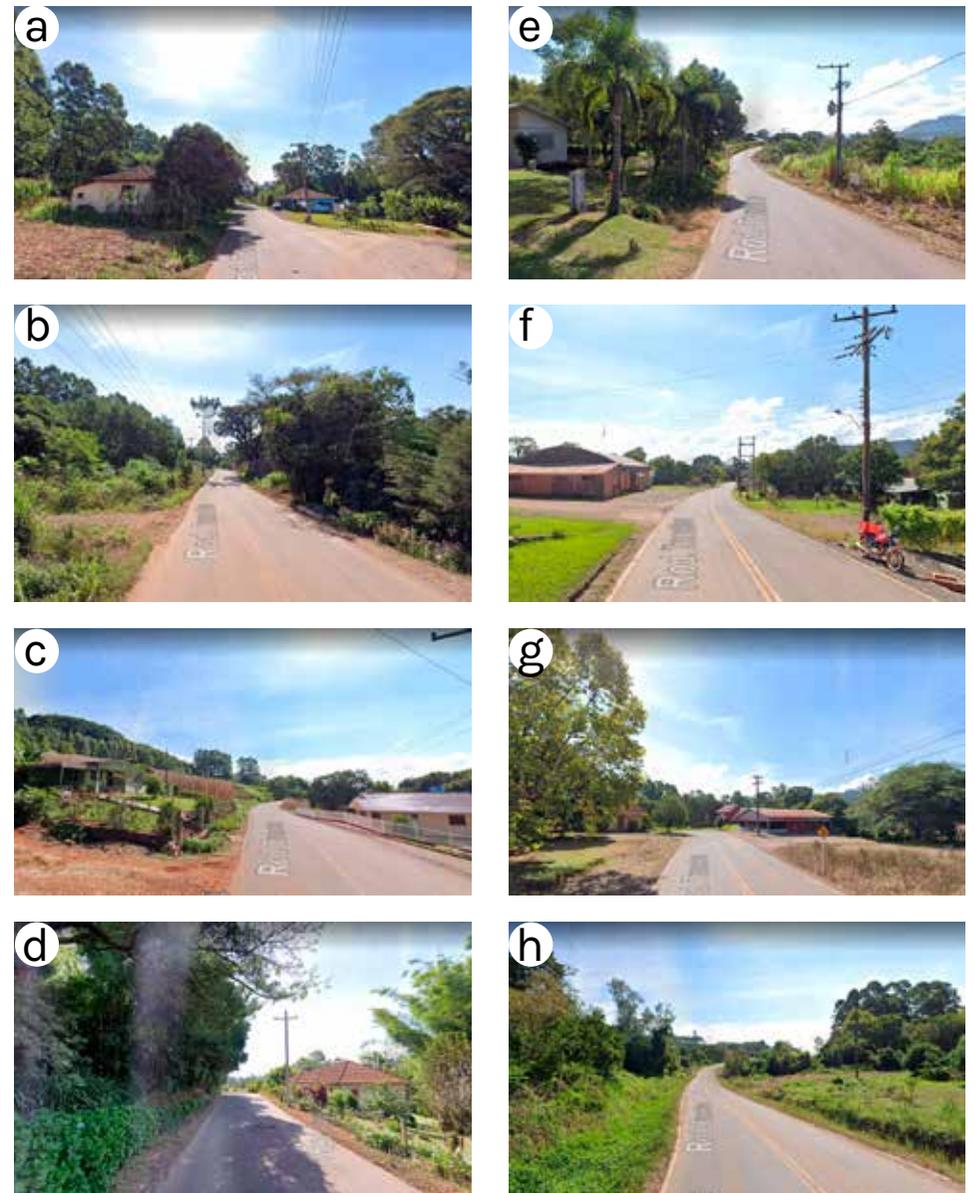


Localização



Nova Paris é uma localidade do município de Brochier, ocupada há cerca de 90 anos, situa-se a 10km do centro (a Vila), no alto de um morro. Atualmente residem aproximadamente 200 pessoas e as principais atividades são a agricultura, mais especificamente a Silvicultura (Acácia e Eucalipto), a produção do carvão vegetal e a rede de aviários (ovo e abate). A proporção de crianças é pequena e não há escola.

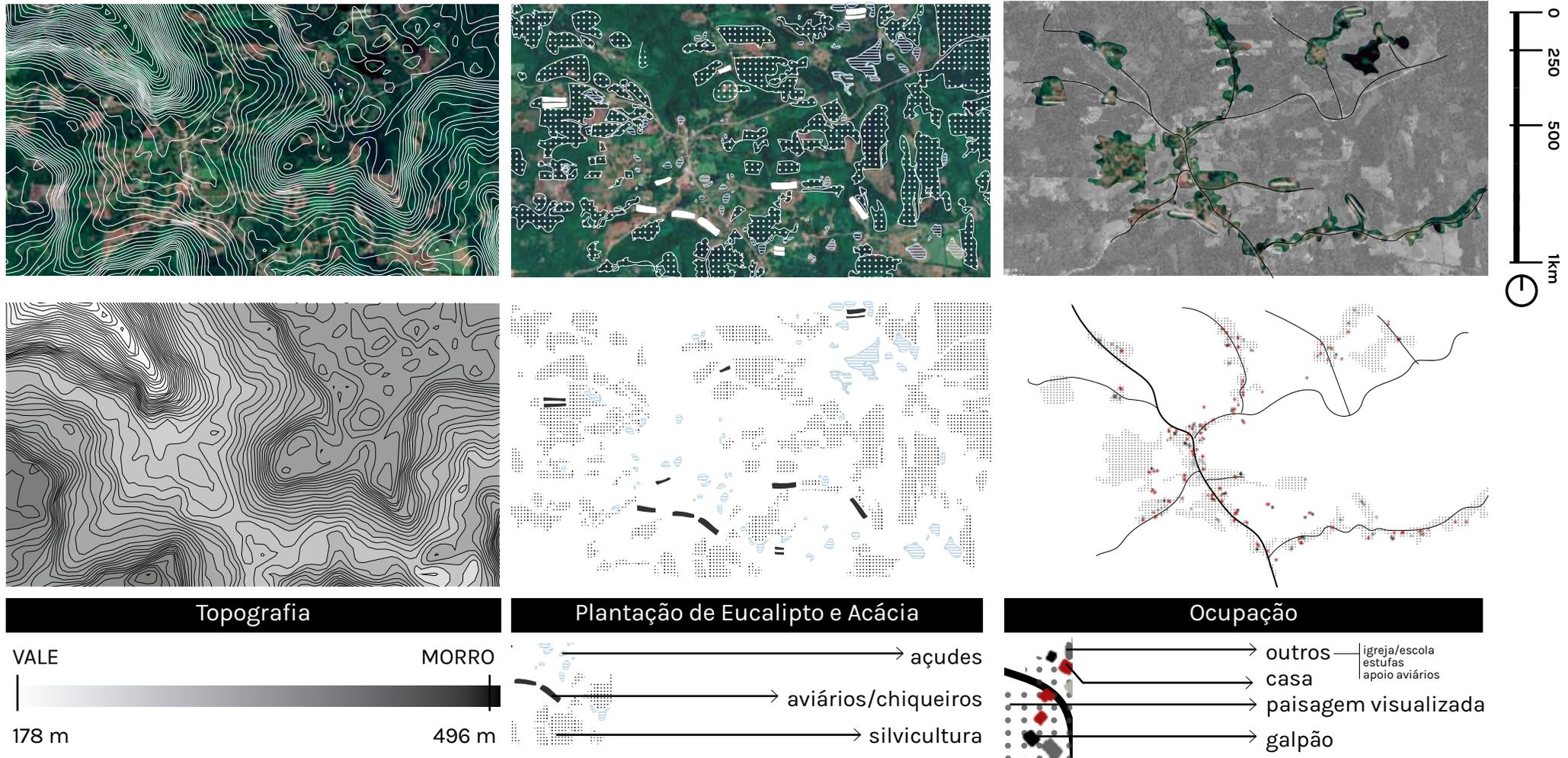
Paisagem e Estrada



tu não é daqui, né?

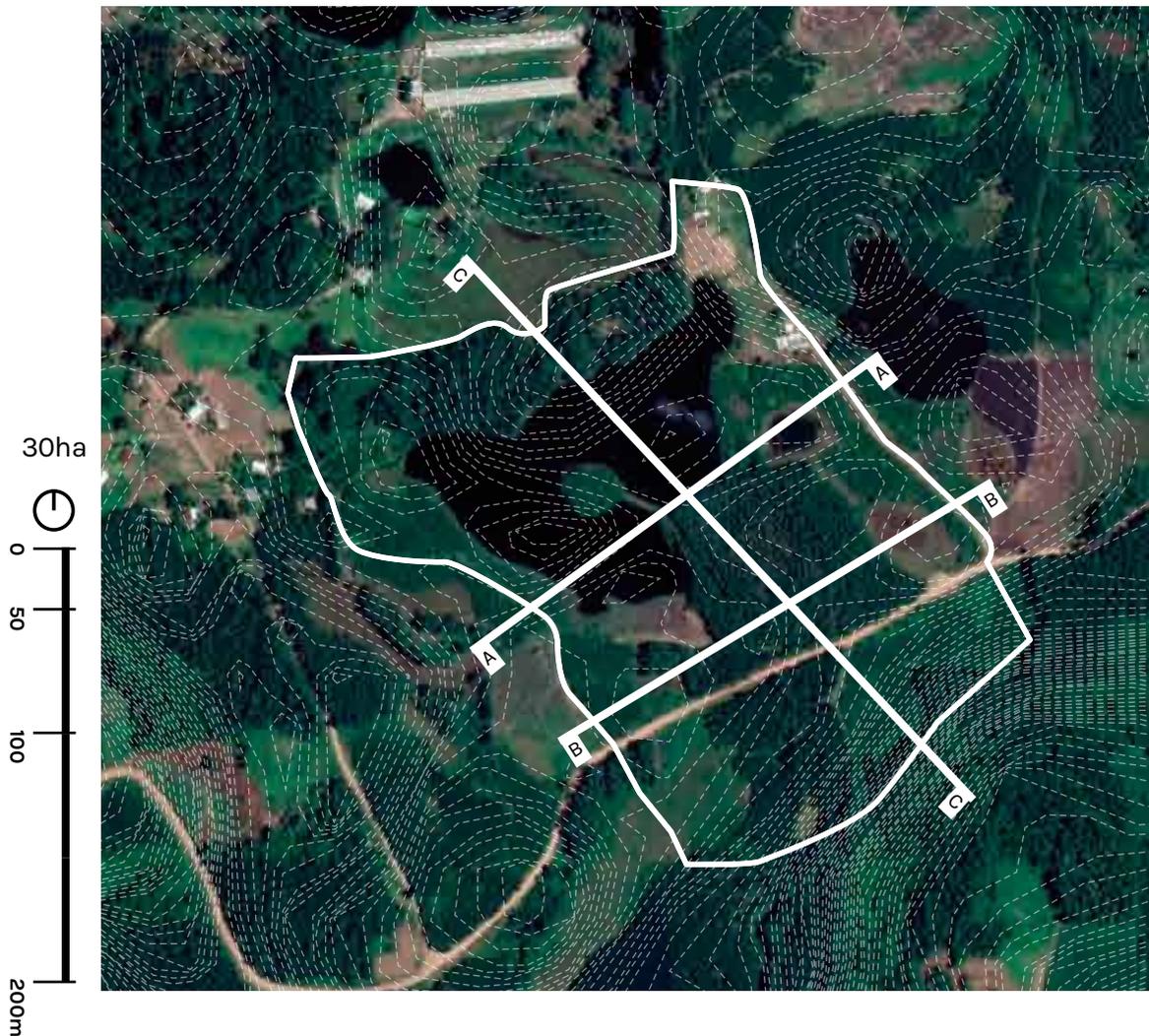
3. Nova Paris: eu cresci no interior do interior!

Nova Paris se especializou à beira de algumas estradas que constituem uma malha viária isolada, solta sobre um território onde predominam morros e algumas planícies, de modo que a apreensão visual da paisagem se dá pelo percorrer desses caminhos. Cada trecho se associa a uma paisagem específica.

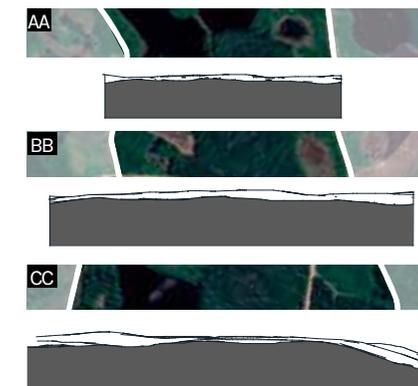
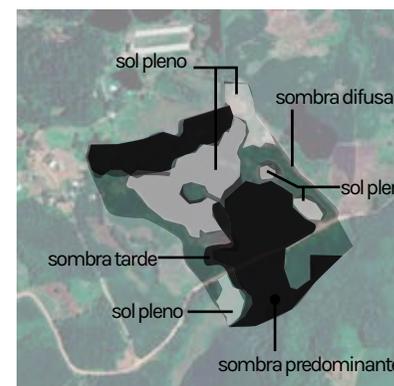
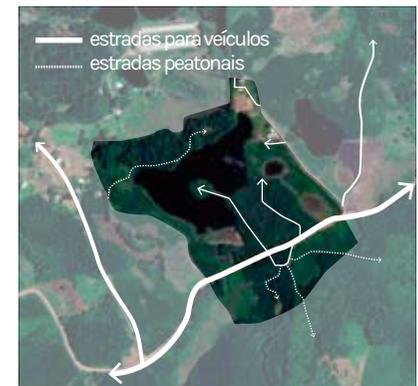
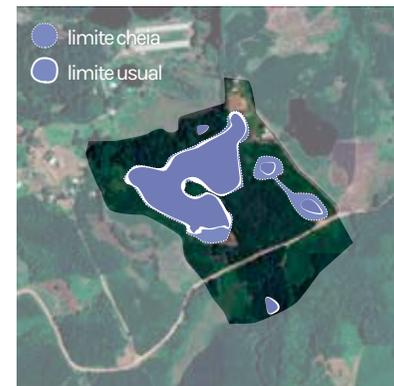


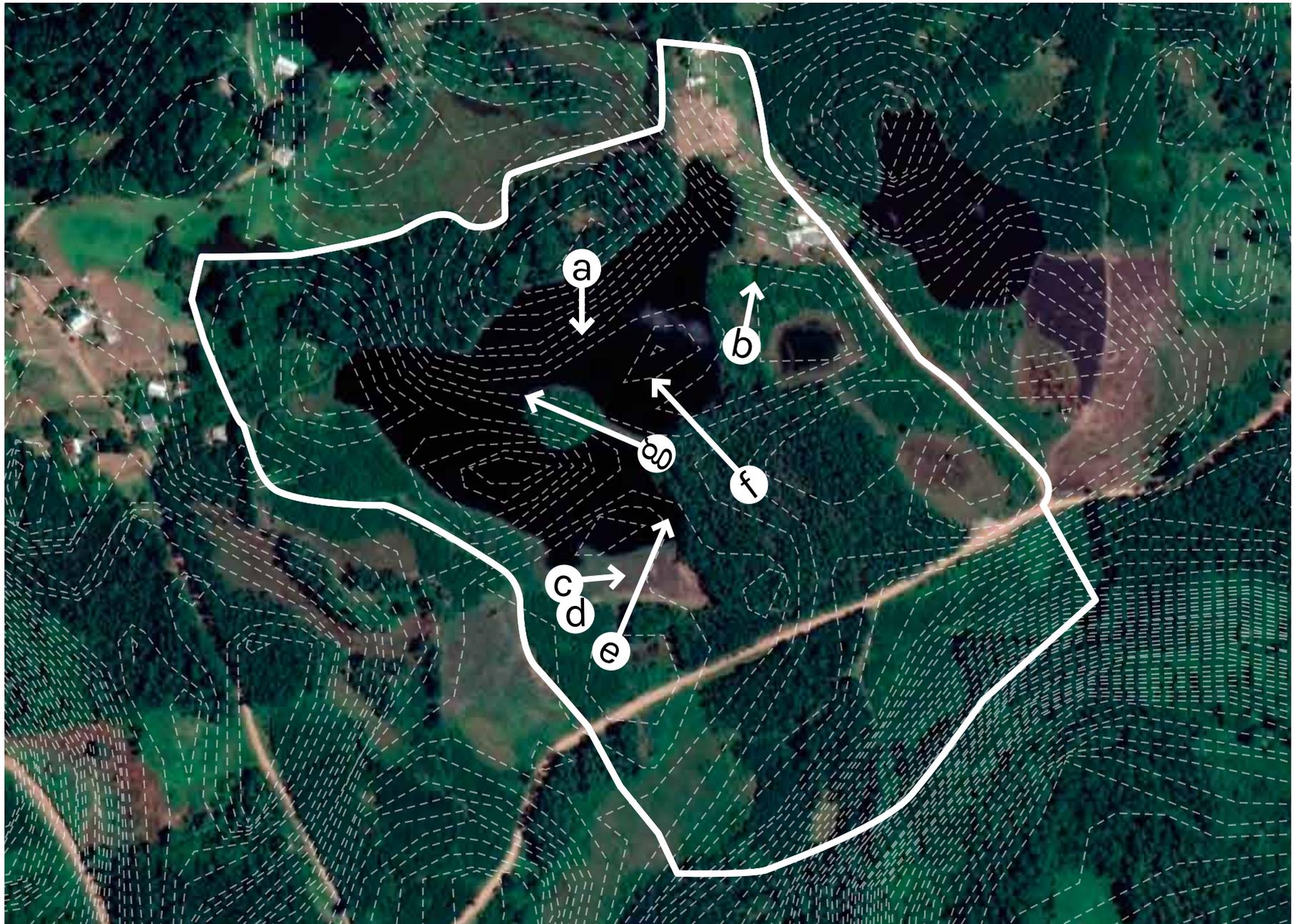
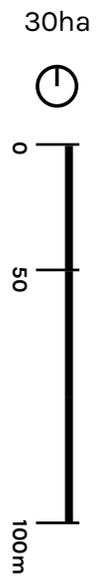
tu não é daqui, né?

4. “A gente não sabe bem o que fazer lá no terreno”



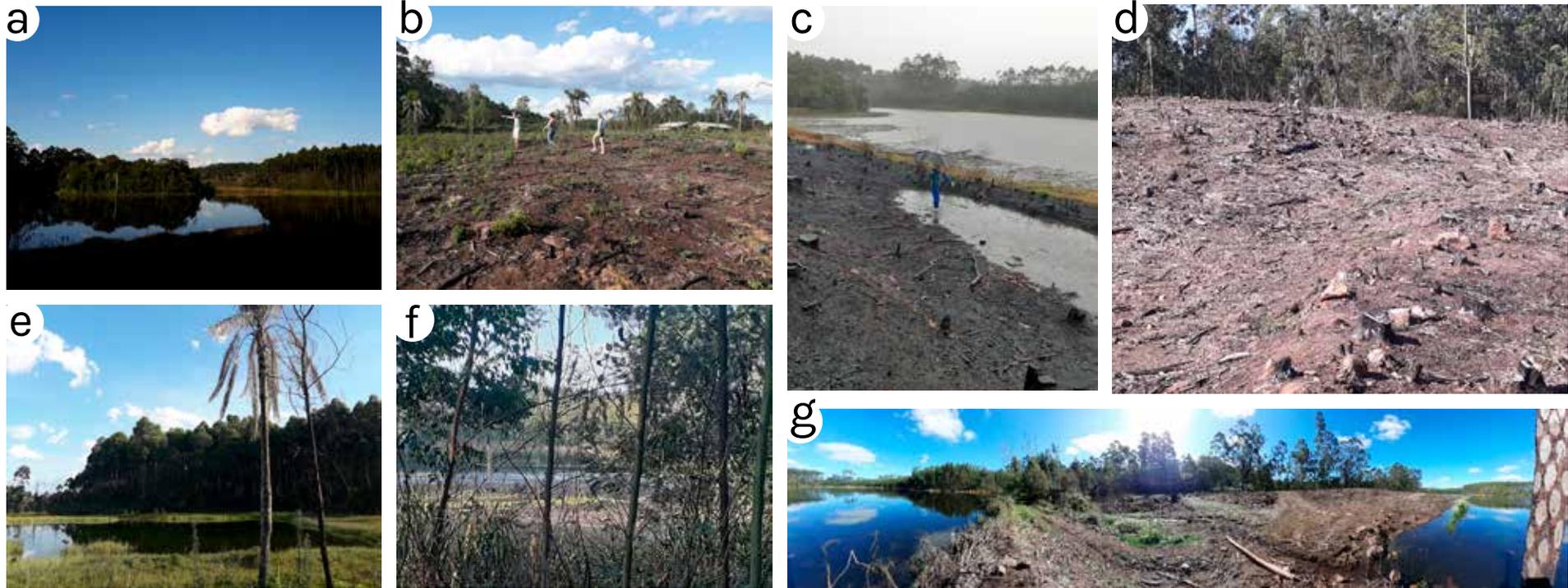
Características





tu não é daqui, né?

4. “A gente não sabe bem o que fazer lá no terreno”



O terreno pertence a quatro irmãos, netos da Werni Kunz. Foi escolhido pela sua potencialidade no que diz respeito ao tema do projeto, uma vez que nele existem diferentes situações que podem ser exploradas - água, plantação de eucalipto em várias fases, mata nativa, topografia relativamente plana, exceto na porção inferior delimitada pela estrada principal, onde é parte de uma encosta -, também pela sua localização. No momento, o terreno está sem finalidade, não se sabe o que será dele.

casa-escola werni kunz

De não-escola à escola

O presente trabalho emerge de um contexto contemporâneo de demandas, anseios e perspectivas acerca do território (rural!) abordado, portanto, justifica-se pela relação que estabelece de maneira ativa e horizontal através da escuta e troca de ideias junto a interlocutores localizados. A partir disso, é necessário desenvolver um projeto que opere um resgate de práticas de cultivo e de vida comunitária, aliando a isso, atividades e espacialidades que gerem processos emancipatórios do rural em relação ao urbano, de modo a desmontar com a ideia de que espaço rural é atraso.

Nesse sentido, o conceito de ruralidade e a problemática sobre os limites entre urbano - rural, contituem um debate que pode-se dizer está longe de ser esgotado, pelo contrário, se atualiza e é de absoluta relevância para que se possa imaginar o futuro em todas as suas dimensões, principalmente a partir da perspectiva de um mundo mais igualitário e sustentável.

Por fim, a realização de pesquisa, em arquitetura e urbanismo, fora do contexto metropolitano, contribui para a diversificação das narrativas acerca de cidade, planejamento e arquitetura.

Objetivo Geral

Construir um centro de referência na região, voltado à produção-socialização de conhecimentos relacionados à realidade local e ao questionamento dos modelos econômico-produtivos vigentes, com vistas a um desenvolvimento ambiental e social harmônico.

Específicos - Diretrizes

1. DO TERRITÓRIO

1.1. PLANO DE MANEJO:

Desenvolver o plano de ocupação de uma área escolhida que se afirme como um laboratório sobre modos de ser, fazer e consumir. Didaticamente, o seu arranjo deve explicitar a possibilidade de coexistência de sistemas tradicionais de plantio e sistemas ecológicos e a perspectiva de substituição gradual para um sistema ambiental e social mais sustentável. Assim posto, entende-se que a própria ocupação do território também possua papel exemplar como locus de experimentação e reflexão sobre a realidade local. “Nele” são aplicados conhecimentos científicos e populares e “dele” emerge conhecimentos a serem explorados nas próprias ações educativas;

1.2. PLANO DE GESTÃO:

Indicar diretrizes para a viabilização do manejo proposto;

2. DO EDIFICADO

2.1. GERAL

2.1.1. Prever um plano que contemple a expansão gradual dos edifícios;

2.1.2. Prever usos de espaços flexíveis e de sistemas técnicos componíveis ao longo do tempo-espaço;

2.1.3. Contemplar sistemas sustentáveis nas edificações, para que os próprios edifícios didatizem o tema ambiental-ecológico.

2.2 PROGRAMÁTICO:

2.2.1. Desenvolver espaços para o registro dos saberes locais, resgatando identidades e conhecimentos não científicos, também legitimados como forma de saber;

2.2.2. Desenvolver espaços para a troca de saberes que promova cursos de educação ambiental, cooperativismo, empreendedorismo, agricultura ecológica, culinária e saberes locais.

já dizia o paulo freire

investigar - tematizar - politizar

As experiências de alfabetização de adultos na comunidade rural de Angicos, no Rio Grande do Norte (1963) e na Guiné Bissau, em Africa nos anos 1970, foram tomadas como referência para a elaboração das linhas gerais de um plano pedagógico, levando em conta as etapas elaboradas e aperfeiçoadas nesses dois contextos (Investigação, Tematização e, por fim, Problematização). A partir do plano pedagógico emerge o programa de necessidades, de forma a atender às demandas de uma educação em construção, contextualizada num tempo-espço específicos - meio rural - e que busca criar a autonomia e o direito de educandos e educandas a pensar em seu meio e seu trabalho.

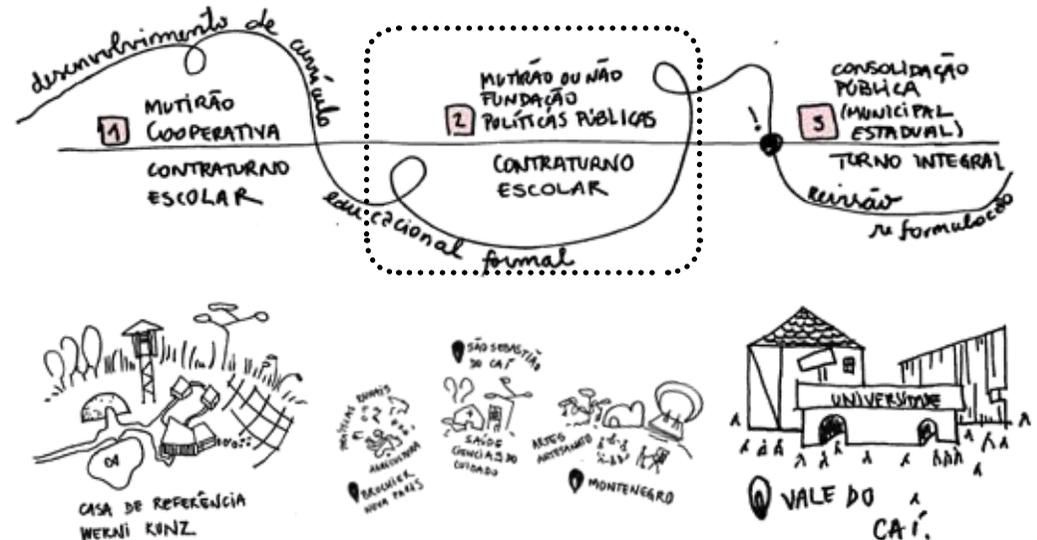
Com intuito de pensar o projeto de arquitetura na sua dimensão temporal, foi elaborado uma hipótese de desenvolvimento e consolidação da instituição. Parte-se de um modelo de contraturno escolar, dessa forma, a educação formal ainda é garantida pelas instituições responsáveis enquanto a estruturação de um currículo escolar passível de aprovação pelo órgãos federais competentes é construído de forma participativa e comunitária dentro do funcionamento da CEWK. A aprovação de um currículo não consistiu um final para o processo político-pedagógico empreendido pela comunidade, tampouco se trata de um currículo convencional, mas do resultado de uma construção autônoma e



“por que hoje o aluno aprende que ele deve buscar uma profissão, como se ser agricultor não fosse uma profissão”

“uma escola participativa, com as técnicas da terra, jogos rurais que não se jogam mais, aprender a ser menos competitivo e mais participativo, já dizia o Paulo Freire, né”

B.M.



A partir da experiência de P. Freire na Guiné-Bissau, a temporalidade do projeto pode ser pensada também em termos da própria organização da sociedade e do conhecimento: a medida que as escolas, voltadas para a população e seu trabalho numa perspectiva politizada, se tornassem locais de sistematização do conhecimento acerca das temáticas específicas as quais se dedicam, também seria possível constituir Universidades e Centros de Pesquisa num esforço interestrutural de transformação da sociedade. (SCOCUGLIA, 2016)

politizada, voltada ao contexto local, às práticas rurais e ao direito de refleti-las e questioná-las para então transformar a sociedade.

Esse trabalho pretende chegar às definições de um anteprojeto arquitetônico.

Programa de Necessidades | Projeto Pedagógico

construção do problema espacial

O Caminho do Trabalho de Conclusão de Curso

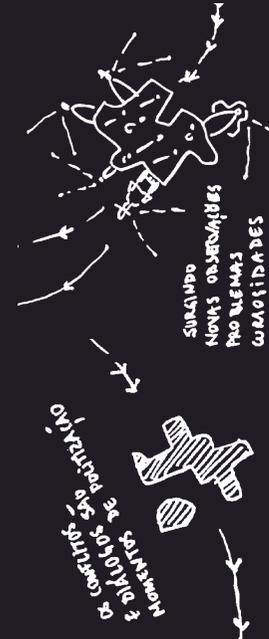
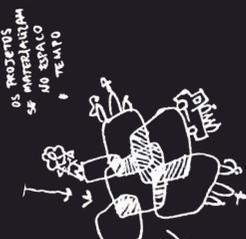
o tema da pesquisa emerge da experiência pessoal da autora - entrevistas com interlocutores locais sobre suas realidades

a montagem de um escopo de trabalho e pesquisa, a elaboração da problemática (da pesquisa).

a busca por soluções e alternativas frente ao levantado desde o princípio, a articulação dos aspectos físicos, sociais, afetivos e espaciais.

o desenvolvimento de um projeto arquitetônico/ pedagógico como resolução de uma problemática e num movimento de imaginar outros futuros possíveis.

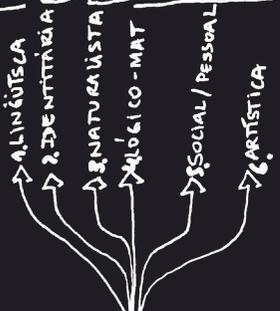
O Caminho Pedagógicos



a comunidade é formada por toda e qualquer pessoa disposta a participar, incluindo os alunos, que são desde crianças até idosos, adultos e adolescentes.



é a partir desse conjunto de pessoas, suas demandas, seus problemas, curiosidades e experiências de mundo, que são criados os projetos os quais serão desenvolvidos durante o tempo também definido em coletividade.

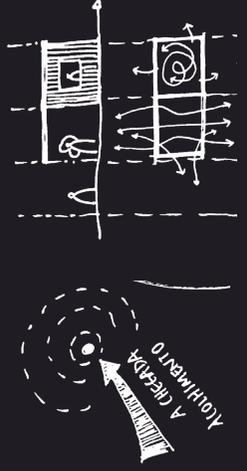


a problematização surge da transversalidade, da troca e emergência da crítica, criando zonas de conflito e diálogo no qual os saberes se articulam na intenção de trans-formação da sociedade e fazem surgir novos questionamentos que, subsidiados pela prática da liberdade, poderão ser base para novamente alimentar a organização pedagógica e demandas de aprendizado dessa comunidade.

os projetos são organizados de maneira a contemplar as diferentes áreas do conhecimento, ainda que não sejam estanques entre si.

o desenvolvimento das atividades dos projetos, que se dá sempre permeado pelo debate sobre si mesmo e, portanto, pode estar sempre em transformação, deve promover a transversalidade dos saberes, as maneiras individuais de cada um de aprender.

O Caminho Projetual (Princípios Projetuais)



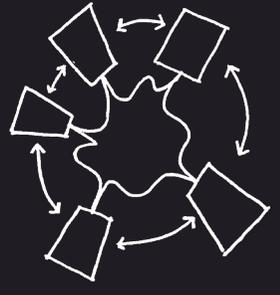
em coletivo, o debate e a construção de um comum, esse espaço abriga os conflitos voltados para a elaboração de um futuro localizado e contextualizado pelos interlocutores locais.

- amplitude, social e coletivo, um espaço da dimensão do todo humano, mas sem perder a conexão com a natureza.

- opacos se sobrepoem às transparências: a paisagem enquadrada;
- bom desempenho acústico;
- versatilidade: pequenos e grandes grupos de discussão;

cada indivíduo, munido de sua experiência de mundo, chegado pelo seu caminho, se encontra e forma o coletivo. espaço do encontro, da transição entre o microcosmos e o todo, acolhimento, é uma espera, mas é uma espera construtiva, o indivíduo se faz no coletivo e o coletivo se alimenta da singularidade de cada um.

- transição suave entre natureza e arquitetura,
- entre dentro e fora.
- direcionamento para as demais zonas
- informações

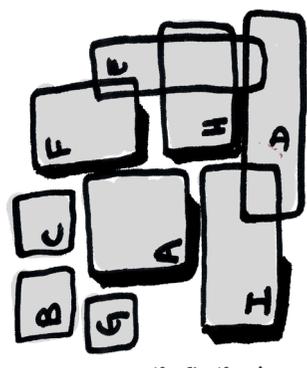
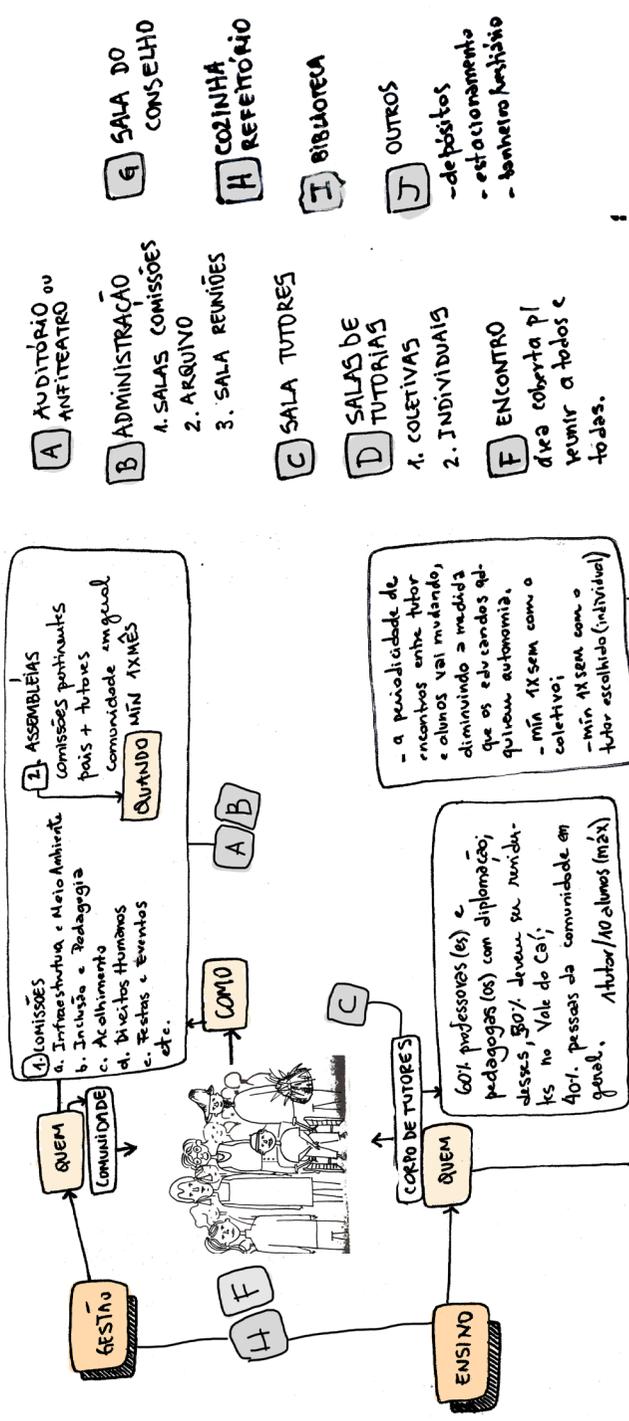


o percurso autônomo e coletivo de aprendizado se dá na riqueza de estímulos, fontes e trocas, no conflito, contraposição, é através do diálogo que são construídos os saberes, nessa etapa, acontece a articulação das áreas temáticas através dos projetos, promovendo um ambiente propício para a problematização.

- espaços duais: individualizados por sua finalidade temática, coletivizado pela sua articulação espacial.
- espaço constelar, rizomático;
- cada espaço possui o suporte técnico para as possíveis atividades relacionadas a ele;
- cada temática apresenta uma relação distinta com a natureza;

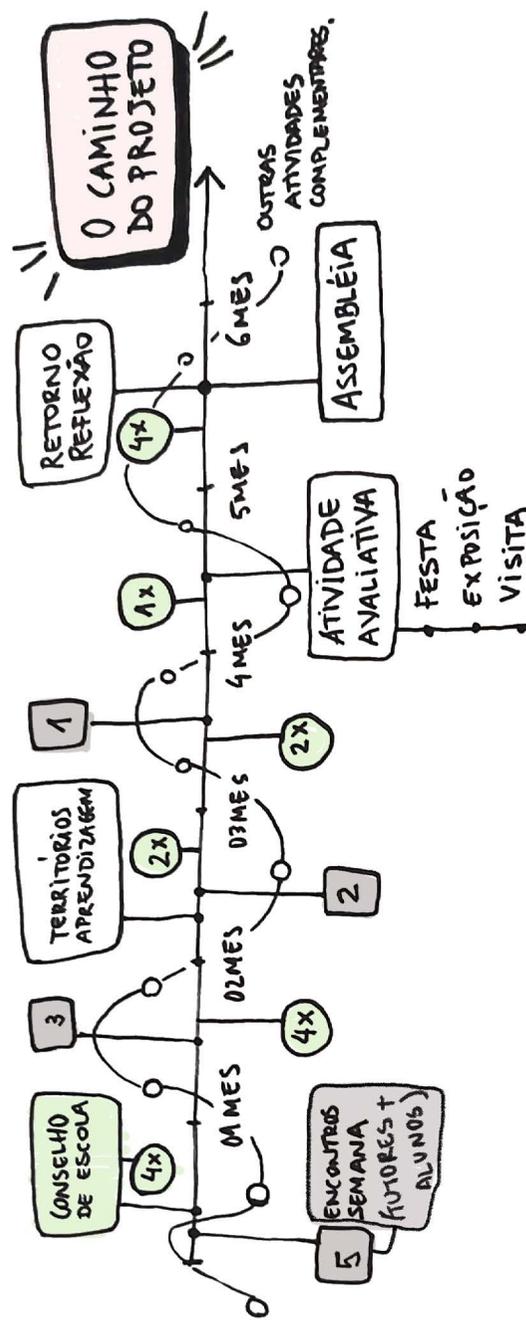


funcionamento e programa - etapa 02



Esquema das articulações e proximidades possíveis.

Exemplo Esquemático de Execução de Projeto



*Para minha bisavó, Werni.
1930 - 2017*



Bibliografia

ALTBERG, Ana; MENEGUETTI, Mariana; KOZLOWSKI, Gabriel (coords.). 8 Reações Para o Depois. Rio de Janeiro: Rio Book's, 1ed., 2019.

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ARAGÃO, Érica. Sem juventude no campo, produção de alimentos ficará ameaçada. Jornal Sul 21, Porto Alegre, 11 mar 2017. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/movimentos/2017/03/sem-juventude-no-campo-producao-de-alimentos-ficara-ameacada/>. Acesso em 28 jan 2021.

BERTAZZO, Cláudio. A Agricultura de Base Ecológica no Corede Vale do Caí. 2009. 220f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010.

BLUME, Roni. Território e Ruralidade: a desmistificação do fim do rural. 2004. 146p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BRASIL. Congresso, Senado. LEI N 11.326 DE 24 DE JULHO DE 2006 (Lei da Agricultura Familiar). Brasília, DF, jul 2006.

CAMPILHO, Matilde. Jôquei. Lisboa: Tinta da China, 4ed, 2015.

CARDOSO, Joel Henrique; OLANDA, Rosemeri Berguenmaier; MAYOR, Eduardo Reis Souto. Experiência agroflorestal em área de assentamento de reforma agrária: muito mais do que uma iniciativa isolada - Herval. VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/97853/1/14195-62137-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 jan 2021.

CARON, D.; ISOPPO, R. S.; OLIVEIRA, K.; PERSEU, G. M. Narrativas à margem: deslocar epistemes para uma metodologia do comum. VIRUS, São Carlos, n. 20, 2020. [online]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=7&lang=pt>>. Acesso em: 18 Fev. 2021.

CASTRO, Annie. 'Quem vai querer morar em um lugar sem escola?': colégios rurais correm risco de ser fechados no RS. Jornal Sul 21, Porto Alegre, 08 ago 2019. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2019/08/quem-vai-querer-morar-em-um-lugar-sem-escola-colegios-rurais-correm-risco-de-ser-fechados-no-rs/>. Acesso em 28 jan 2021.

Bibliografia

DRUMMOND, Maria Auxiliadora. Participação Comunitária no Manejo de Unidades de Conservação. Belo Horizonte: Instituto Terra Brasilis de Desenvolvimento Socioambiental, 2002.

FAO, 2014. Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. Brasil em Resumo. Disponível em: <http://www.fao.org/brasil/fao-no-brasil/brasil-em-resumo/pt/>. Acesso em 12 fev. 2021.

FERNANDES, Sabrina. “S” de Soberania Alimentar. Produção Tese Onze. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lWC8If0NPvU&ab_channel=TeseOnze. Acesso em 12 jan 2021.

FREIRE, Paulo. Educação Como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra LTDA, , 4ed, 1974.

LAPPE, Emeli. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História). Centro Universitário Univates, Lajeado, 2012.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Ruralidades : novos significados para o tradicional rural. In: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; LINDNER, Michele. Dinâmicas do espaço agrário : velhos e novos territórios. Porto Alegre: Evangraf, 2017.

MELLO, Bruno Cesar Euphrasio de; NODARI, Gabriela Rosa; LERSCH, Inês Martina; ROVATI, João Farias (orgs). Práticas Urbanas Emergentes. Porto Alegre: UFRGS, 2019.

MORAES, Jorge Luiz Amaral; SCHWAB, Patricia Ines. O papel do cooperativismo no fortalecimento da agricultura familiar. Revista do CEPE. Santa Cruz do Sul, n. 49, p. 67-79, jan./jun. 2019.

NASSAR, Raduan. Lavoura Arcaica. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

OCB, Organização das Cooperativas Brasileiras. História do Cooperativismo. Disponível em: <https://www.ocb.org.br/historia-do-cooperativismo>. Acesso em 20 jan 2021.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Modo Capitalista de Produção Agrícola e Reforma Agrária. São Paulo: FFLCH, 2007.

PASQUALOTTO, Nayara; KAUFMANN, Marielen Priscila; WIZNIEWWSKY, José Geraldo. Agricultura familiar e desenvolvimento rural sustentável. Santa Maria: UFSM, NTE, 2019.

Bibliografia

PERI, Mesquida; PEROZA, Juliano; AKKARI, Abdeljalil. A contribuição de Paulo Freire à educação na África: uma proposta de descolonização da escola. *Educação e Sociedade*, vol.35 no.126 Campinas Jan./Mar. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302014000100006. Acesso em 01 fev 2021. Perfil Socioeconômico Cored Vale do Caí. São Sebastião do Caí, RS : COREDE, 2015.

Plano Estratégico Participativo de Desenvolvimento Regional (PEDR): 2015- 2030. COREDE Vale do Caí. São Sebastião do Caí, RS : COREDE, 2017.

Planejamento Estratégico Regional do Vale do Caí: Etapa de Diagnóstico. São Sebastião do Caí, RS : COREDE, 2015.

PRIMAVESI, Ana. Manual do Solo Vivo. Solo Sadio. Planta Sadia. Ser Humano Sadio. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

Projeto Político Pedagógico. EMEF Desembargador Amorim Lima. Disponível em: <https://amorimlima.org.br/institucional/projeto-politico-pedagogico/>. Acesso em 21 jan 2021.

Projeto Pedagógico. Escola da Ponte. Disponível em: <https://www.escoladaponte.pt/o-projeto/>. Acesso em 12 jan 2021.

Proposta Pedagógica Colégio Paulo Freie. Colégio Paulo Freire. Disponível em: <https://www.paulofreirejundiai.com.br/proposta-pedagogica/>. Acesso em 07 jan 2021.

PUNTEL, Jovani Augusto; NAGEL, Carlos Águedo Paiva; RAMOS, Marília Patta. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. In: *Circuito de Debates Acadêmicos*, IPEA, 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area3/area3-artigo20.pdf> Acessado em 12 fev 2021.

RANCIÈRE, Jacques. *O Mestre Ignorante. Cinco Lições Sobre a Emancipação Intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 3ed, 2013.

SCOCUGLIA, Afonso. Paulo Freie e o Trabalho na África. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=82_22i-Feus&t=1506s&ab_channel=TVUFPB. Acesso em 17 jan 2021.

